

O TOQUE DOS SINOS DE SÃO JOÃO DEL-REI: UMA ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS¹

Recebido em: 02/02/2019

Aprovado em: 22/10/2019

Licença: 

Joyce Kimarce do Carmo Pereira²

José Alfredo Oliveira Debortoli³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG - Brasil

RESUMO: O presente estudo propôs investigar as manifestações culturais emergidas a partir do Toque dos Sinos da cidade de São João del-Rei. Dessa forma, a pesquisa aqui compreendida objetivou entender como se dá o ofício de sineiro em relação às festividades, descrever o ofício de sineiro e compreender a dinâmica de experiências constituídas pelo toque cotidiano dos sinos são-joanenses. A metodologia fundamentou-se na abordagem qualitativa, na pesquisa bibliográfica e realização de entrevistas e pesquisa de campo. O roteiro de entrevista semiestruturado contou com a participação de 6 sineiros, sendo 5 tocadores de sino e 1 fundidor de sino. Os dados coletados foram analisados, apresentando como resultados que as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos se desembocam em festiva religiosa, função comunicativa e o ofício do sineiro. A festiva religiosa é exemplificada por meio do combate dos sinos, por ser um momento festivo mais esperado pelos sineiros, no qual possibilita encontros, aprendizado, partilha e troca de experiências. Na função comunicativa os depoentes alegam que os sinos são um meio de transmissão na cidade, anunciando as horas, as festividades religiosas e notícias pertinentes para a comunidade além de convidar a população para as celebrações. No ofício de sineiro os entrevistados afirmam ser uma prática iniciada na infância e a aprendizagem se dá por meio da observação e exercício constante. É um ofício no qual o sineiro mantém uma relação de identidade, de afeto e devoção pelos sinos e os toques, além de estabelecer uma conexão lúdica e corporal com o objeto sino. O toque dos sinos traz sentido e significado para a vida dos sineiros, levando-os a um processo de ressignificação humana na própria história, cultura e na experiência vivida.

¹ O trabalho em questão é fruto da pesquisa intitulada: “Entre festejos e ofícios: Um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos Sinos de São João del-Rei/Minas Gerais” realizada no contexto do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais e contou com o apoio da agência de fomento Capes.

² *Mestra e Doutoranda em Estudos Interdisciplinares do Lazer – UFMG; Especialista em Gestão de Políticas Públicas – UNICAMP; Bacharel em Turismo – UFMG.*

³ Professor dos Cursos de Graduação em Educação Física EEEFTO/UFMG; Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer EEEFTO/UFMG; Professor do Mestrado Profissional Educação e Docência FaE/UFMG. Possui Mestrado em Educação pela FaE/UFMG e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Cursou Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB.

PALAVRAS-CHAVE: São João Del-Rei. Toque dos Sinos. Manifestações Culturais.

THE RINGING OF THE BELLS OF SÃO JOÃO DEL-REI: AN ANALYSIS OF CULTURAL MANIFESTATIONS

ABSTRACT: The present study proposes to investigate emerging cultural manifestations from the ringing of the bells in the city of São João del-Rei. In this way, a research understood here aims to understand how the bell worker occurs in relation to activities, describe the meaning the bell worker and understand the skills of experiences constituted by the usual ringing of São João bells. The methodology was based on a qualitative approach, bibliographic research and interviews and field research. The semi-structured interview script included the participation of 6 bell players, 5 bell players and 1 bell founder. The collected data were analyzed, showing how the results of the cultural manifestations that emerge from the ringing of the bells are transmitted in the religious feast, in the communicative functions and in the bell worker. A religious festival is exemplified through the fight against bells, for a festive moment more expected by the bell players with the possibility of meetings, learning, sharing and exchange of experiences. In the function of communication, those who are a means of transmission in the city, announce as hours, as religious festivities and news relevant to a community in addition to inviting a population for celebrations. The interviewees claim to be a practice initiated in childhood and in learning occurs through constant observation and exercise. It is a craft in which the bell-keeper maintains a relationship of identity, affection and devotion for bells and ringtones, in addition to defining a playful and bodily connection with the bell object. The ringing of the bells brings meaning to the lives of the workers, leading them to a process of human resignification in their own history, culture and lived experience.

KEYWORDS: São João Del-Rei. Ringing of the Bells. Cultural Manifestations.

Introdução

O presente artigo refere-se as práticas das manifestações culturais emergidas a partir do Toque dos sinos de São João del-Rei, cidade localizada no estado de Minas Gerais. As inúmeras manifestações existentes no cotidiano das comunidades se fazem cada vez mais necessárias serem estudadas, vivenciadas e compreendidas, devido à complexidade e a dinâmica de cada contexto. Contextos estes permeados também, por práticas de lazer. Para abordar o tema do lazer, como observa Debortoli (2012, p.15) busca-se enfatizar e “dar centralidade às relações e aos processos éticos e estéticos, à arte e ao corpo, ao ritual e ao festivo na partilha e produção cotidiana de nossas

experiências sociais” (DEBORTOLI, 2012). Nesse sentido, o lazer enquanto dimensão da cultura é caracterizado por práticas que tendem a movimentos de sociabilidade nos mais distintos contextos, propiciando as diversas formas de expressão e manifestação humana. Conforme destaca Gomes (2011c, p.2) o lazer:

Trata-se de um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas percepções, imaginários sociais, identidades, subjetividades, sentimentos, atitudes, visões de mundo, projetos políticos de sociedade, construções intelectuais e modos de intervir em cada contexto. Tudo isso é permeado por complexas interações entre o local e global que são realizadas, pelos sujeitos, na multidimensionalidade do espaço geopolítico mundial. Todo conhecimento está marcado geo-historicamente, reforçando valores condizentes com as peculiaridades locais do contexto em que é produzido.

O toque dos sinos são-joanense, nesse cenário, consiste em uma expressão sonora de sinos presentes nas torres das igrejas, em sua grande maioria católicas. É uma forma de comunicação tradicional reiterada no cotidiano mineiro desde o período colonial. Basicamente, os toques são utilizados para anunciar festas religiosas, celebrações, eventos e datas litúrgicas como Semana Santa, Natal, dentre outras. Além disso, informam as horas e outros tipos de comunicações que sejam consideradas pertinentes para a comunidade.

O município mineiro São João del-Rei/SJDR, é conhecido atualmente como a “terra onde os sinos falam”, por apresentar um vasto repertório de toques nos quais são anunciados cotidianamente para a comunidade. Mediante a isso, o toque dos sinos e o ofício de sineiro de São João del-Rei, são registrados como patrimônio imaterial pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como referência desde 2009: “[...] podemos lembrar que há gerações que São João del-Rei é conhecida historicamente como “a terra onde os sinos falam”, tendo impressionado desde o século XIX diversos visitantes.” (IPHAN, 2009a, p. 5-6).

O principal responsável por esta prática é o sineiro, que além da habilidade, técnica e conhecimento, mantém uma relação afetiva e devocional com o objeto sino,

dando vida aos mais variados tipos de toques. Dessa maneira, a prática sineira se faz presente na cidade, sendo repassada de geração em geração, com vistas a valorizar e perpetuar essa expressão cultural. Assim sendo, o toque dos sinos, abrange um universo de relações, envolvendo os sineiros, os sinos, os aprendizes do ofício de sineiro, as festividades religiosas, práticas de lazer e a comunidade.

Assim, o toque dos sinos se caracteriza como um elemento conformador da identidade são-joanense e facilitador de movimentos de sociabilidade. Pois, está intimamente ligado as formas de experienciar o lazer no município por meio das festividades. Dessa maneira, São João del-Rei vivencia o lazer em um sentido coletivo, de maneira singular em ampla relação com as festas religiosas anunciadas pelos sinos.

A relevância desse estudo é devido a incipiência de pesquisas no campo do lazer, sobretudo relacionado aos estudos da área enquanto dimensão cultural (GOMES, 2014). Assim, aprofundar os estudos considerando as realidades históricas de cada contexto se faz cada vez mais urgente, dado o dinamismo e as particularidades de cada conjuntura social. Além disso, a escassez de trabalhos na área do toque dos sinos também se faz presente, por ser uma temática ainda pouco explorada em pesquisas acadêmicas. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013). Dessa forma, espera-se difundir o tema, sobretudo no meio acadêmico, com vistas a incentivar a formulação de novos estudos, estreitando os laços e ampliando debates sobre lazer, cultura e sociedade.

Diante do cenário exposto, este artigo propõe investigar as manifestações culturais que emergem do Toque dos Sinos de São João del-Rei, onde o ofício entrelaça uma temporalidade festiva e religiosa.

Metodologia

A investigação aqui apresentada fundamentou-se na abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e entrevistas. Segundo Gaskell (2002) a pesquisa de caráter qualitativo fornece elementos que irão propiciar a compreensão das relações sociais dos sujeitos bem como o contexto no qual estão inseridos. Para o autor, o objetivo de uma pesquisa qualitativa é: “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2002, p. 65).

Nesse sentido, a abordagem qualitativa se define a partir de uma ligação estreita com o contexto. Dessa forma, trabalhar qualitativamente nesta investigação implica em “entender/interpretar os sentidos e as significações” (TURATO, 2004, p.25) a partir de uma conjuntura sociocultural.

A pesquisa foi dividida em três etapas: na primeira foram feitas visitas de reconhecimento do objeto de estudo, onde foi possível identificar e selecionar os indivíduos que seriam entrevistados, apresentar-se para os sujeitos da pesquisa e por fim apresentar a proposta da investigação. A segunda etapa realizou-se as entrevistas com os sujeitos selecionados. Já a terceira etapa, consistiu no acompanhamento de uma das festividades do município, durante tal etapa foi possível realizar conversas informais com outros sineiros, bem como vivenciar o momento festivo-religioso.

Cabe ressaltar que o percurso da investigação foi permeado pela ética em pesquisa, sendo autorizada pelo COEP – Comitê de Ética em Pesquisa-UFMG, e os sujeitos entrevistados concordaram em participar voluntariamente e assinaram o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assim, a coleta de dados se deu por meio da observação participante, compreendendo duas técnicas: Na primeira, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com os sineiros das principais igrejas da cidade (Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja

de São Francisco e a Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar) protagonistas de uma das maiores festividades do município: A Festa de Passos é uma festa de grande repercussão e de maior duração na comunidade são-joanense, devido a sua celebração ocorrer separadamente do calendário litúrgico da Semana Santa. É também, um dos festejos históricos mais importantes para os sineiros são-joanenses, por ser o único onde ocorre o tradicional Combate dos Sinos (Guerra dos sinos) uma tradição peculiar da cidade, em que os sineiros responsáveis por cada igreja participante do festejo, disputam qual irmandade tocará os sinos por mais tempo, levando em consideração a habilidade, a técnica e a criatividade de cada tocador de sino.

Durante as pesquisas de campo constataram-se as três igrejas mencionadas anteriormente como sendo as protagonistas no Combate dos Sinos. Além disso, a Igreja Nossa Senhora das Mercês juntamente as outras três supracitadas, são as quatro igrejas consideradas as principais da cidade. Isso é devido ao fato de apresentarem uma maior frequência de toque dos sinos no cotidiano e nas festividades de São João del-Rei. A pesquisa contou com a participação de 6 (seis) sineiros, sendo 5 (cinco) sineiros tocadores de sino cada qual atuante em uma igreja e 1 (um) sineiro fundidor de sino, responsável pela fundição de sinos da cidade.

É válido mencionar que as entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos sujeitos e cada um deles escolheu o dia e horário considerado melhor. Ao utilizar o recurso de gravação, as entrevistas foram transcritas na íntegra e como forma de garantir a fidelidade dos relatos, respeitou-se o modo de falar, as pausas, bem como os vícios de linguagem dos sujeitos da pesquisa.

Priorizou-se ainda, a preservação da identidade dos depoentes, mantendo em sigilo o nome dos envolvidos, com vistas a garantir a integridade e anonimato dos mesmos. Além disso, optou-se por criar uma regra a qual consiste na manutenção dos

depoimentos dos entrevistados em itálico, como forma de diferenciar das demais citações presentes neste trabalho.

Já referente à segunda técnica de coleta de dados, a mesma se deu por meio de um trabalho empírico de registro em caderno de campo, no qual foram incluídas as observações e vivências da pesquisadora durante as incursões de pesquisa de campo.

Tal técnica oportunizou descrever os detalhes das experiências e compreender o funcionamento do ofício de sineiro e do toque dos sinos são-joanenses. Assim sendo, foi possível focar nas nuances da prática, bem como as impressões geradas na pesquisadora pelo objeto de estudo aqui proposto. Neste ínterim, o caderno de campo facilitou o registro das informações, no sentido de registrar a realidade dos sujeitos e aprofundar neste universo peculiar.

Os dados foram analisados por meio da análise de discurso, a qual segundo Maingueneau (2000, p.13) é a “disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu ‘contexto’, visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social”. Dessa forma, optou-se pela análise do discurso pois é uma metodologia que possibilitou compreender a realidade dos sujeitos da pesquisa, por meio da articulação de todo um cenário cultural, religioso e social em consonância com as narrativas dos sineiros entrevistados. Assim, a análise do discurso aqui compreendida, consistiu em “[...] considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária” (ORLANDI, 2000, p.34).

Nesse sentido, procurou-se perceber as questões que não foram ditas pelos sujeitos da pesquisa, por meio de uma interpretação cuidadosa e criteriosa. Pois, para além da realização de entrevistas, esse recurso promove o encontro de subjetividades,

então mais do que escutar o que os sujeitos falam, é preciso captar a linguagem corporal e suas infindáveis manifestações, sejam elas gestuais, posturais, as entonações, os olhares, as pausas e os silêncios, dentre inúmeras possibilidades; na tentativa de enxergar o que está por trás da fala, de perceber a expressão humana para além do ato de falar.

Análise e Discussão dos Dados

Identificou-se por meio da pesquisa que as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos são-joaneneses dizem respeito à herança festiva religiosa do período colonial mineiro o qual influenciou o cenário de São João del-Rei. A fim de exemplificar este contexto, serão apresentadas três manifestações, a primeira diz respeito ao combate dos sinos, uma disputa realizada desde os tempos coloniais entre os sineiros durante a Festa dos Passos; a segunda refere-se à função comunicativa, a qual abrange tanto o anúncio das horas, quanto as notícias gerais e aquelas de caráter religioso e festivo. Evidenciando assim, o papel do sino enquanto marcador do tempo civil, além de anunciador das notícias gerais e de anfitrião ao anunciar e convidar a população para os ritos religiosos e para as festividades; a terceira referente ao ofício de sineiro, o qual é constituído por inúmeras características, entretanto, as mais expressivas dizem respeito à aprendizagem, ludicidade, devocionalidade e corporalidade.

A partir disso, será apresentado um panorama acerca dessas manifestações bem como as nuances encontradas, alicerçado as narrativas dos sujeitos entrevistados juntamente as observações e incursões de campo realizadas durante a pesquisa.

Sobre o Primeiro Encontro com o Sineiro, as Torres, o Sino, e os Toques...

A primeira vez que me apresentei e falei sobre minha pesquisa foi com o sineiro da

Igreja do Carmo. Ele prontamente abriu a portinha do altar da igreja, me convidou para subir no campanário e logo começou a contar sua história de vida, dos sinos, dos toques e até da igreja. Não esperava essa prontidão, abertura e tamanha hospitalidade.

Ao subir as escadarias estreitas da torre, sentia meu coração bater mais forte, era estreito, perigoso e com um cheiro forte, de pedra e de terra, e logo à frente o sineiro ESC dizia: “Cuidado pra não cair, os rapazinhos aprendizes de sineiro aqui sobe e desce essas escadas tudo correndo, até de olho fechado já tão tudo acostumado, mas quem vem na primeira vez tem que tomar cuidado porque é perigoso”. E prosseguiu: “São 68 degraus num é pouca coisa não... É uma queda boa”. Quando terminamos de subir fiquei atrás dele olhando para cima esperando-o abrir uma portinha que dava acesso à torre. Ele passou e logo se virou e me deu a mão para me ajudar a subir. A sensação de estar na torre foi incrível:

[...] a torre me fez lembrar um mirante, eu sentia o vento forte batendo no rosto, enquanto admirava a cidade. A paisagem era tão nostálgica, bucólica e reconfortante, me fez refletir do porque os negros escravos sineiros usavam-na como refúgio. Você fica longe de tudo, praticamente não escuta nada. É só você, o sino, os toques, a torre e a paisagem. Sentia uma paz, uma quietude, uma tranquilidade, uma calma inexplicável, foi um momento bastante contemplativo eu diria (Notas de campo).

O sino era um objeto peculiar, era bem maior e muito mais pesado do que eu imaginava. Os detalhes esculpidos na bacia do sino logo me chamaram a atenção, pois era uma riqueza de detalhes, divididos entre escrituras e desenhos, eram tão delicados. Após alguns momentos em silêncio, o sineiro ESC, começou a falar sobre os significados dos escritos: “Cada um dos nossos sinos é batizado e tem um nome, ai às vezes escreve o ano que o sino foi fundido, o sineiro que fundiu, quem batizou, a irmandade do sino e o nome do sino”.

[...] comecei a reparar o sino e os detalhes que ele carrega. O sineiro ESC só me observava calado. Para a minha surpresa o sino era bem maior do eu imaginava, achei-o um tanto quanto imponente, achei-o emblemático. Enquanto tocava nos escritos ao redor da bacia sentia a textura, a dimensão e o peso do sino, mas a imagem de Jesus Cristo na cruz esculpido em bronze no sino foi o que mais me chamou a atenção, sobretudo pela riqueza de detalhes, fiquei curiosa e admirada

com a habilidade do sineiro que fundiu aquela imagem naquele sino (Notas de campo).

O toque dos sinos foi uma das minhas maiores surpresas, apesar do som ser extremamente alto, sobretudo quando escutado de dentro das torres, o toque carregava uma beleza singular, pois além de ser melodiosa, era nostálgica e melancólica concomitantemente:

Quando escutei de perto pela primeira vez o toque do sino, o som do sino achei muito alto, ensurdecedor eu diria, mas tinha uma beleza peculiar ao fundo, quando o badalo vibrava na campana eu escutava uma música tão melodiosa, nostálgica e um tanto quanto melancólica, que eu me entreguei, fechei os olhos e deixei a música tomar conta de mim, a música vibrava no meu coração, fiquei arrepiada, fiquei emocionada (Notas de campo).

O Combate dos Sinos: O Cenário Festivo Religioso São-Joanense

Impressionante! Essa é a expressão para definir o combate dos sinos, a postura dos sineiros, a festa em si e a festa dos próprios sineiros, aquela ocorrida dentro das torres durante a disputa, uma batalha saudável, tão esperada e tão celebrada por eles. Não parava de chegar sineiros, a torre já estava lotada, e eu me questionando curiosa: Como vai caber esse tanto de gente nessa torre? Durante a disputa eram um misto de tensão, gritos, comemoração e muito suor. A adrenalina parecia estar a mil, no final questioneei um deles, o sineiro ESA sobre a sensação de dobrar os sinos e a resposta dele foi justamente: “é muita adrenalina, e muita satisfação também, quando eu to dobrando parece que to em outro lugar”. Fiquei me perguntando se é quase um estado meditativo que acomete os sineiros enquanto tocam (Notas de campo).

A Festa: Um Tempo de Celebração, Reflexão, União e Encontro

O cenário festivo religioso são-joanense é amplo no qual ocorre um emaranhado de festividades durante todo o ano, porém, será explanado aqui o combate dos sinos de São João del-Rei, devido ao fato de ser a manifestação cultural mais esperada pelos sineiros. Assim sendo, iniciada nos tempos coloniais, a batalha dos sinos ocorre até os dias hoje, na Festa dos Passos, no período da quaresma. É a única festividade em que os sineiros disputam qual igreja consegue dobrar os sinos por mais tempo, considerando a técnica, habilidade e criatividade de cada um. As igrejas participantes são: Igreja São Francisco de Assis, Igreja da Nossa Senhora do Carmo e a Catedral Basílica de Nossa

Senhora do Pilar. Nos depoimentos abaixo os sineiros comentam um pouco acerca da origem e do funcionamento dessa disputa:

No combate é assim o depósito do Nosso Senhor dos Passos é na São Francisco e o depósito da Nossa Senhora das Dores é na do Carmo, então por ser uma festa que não tem repique não tem nada, os antigos acharam uma outra forma de fazer festa, porque a quaresma a gente não tem nossos tradicionais repiques porque a festa mesmo são os repiques, a festa de passos ela não tem o repique, então ela é só o dobre, na sexta a disputa é Catedral e Carmo, no sábado, Catedral e São Francisco, no domingo são as três, e o São Francisco é o mandante porque Nosso Senhor dos Passos o dono da festa está lá, nos outros dias a Catedral é mandante porque o Senhor dos Passos é da catedral na sexta e sábado. Nosso combate a gente espera o ano todo né, é uma alegria uma adrenalina né, as torres ficam tudo cheias, tem muita festa muita comemoração (ESM).

O combate dos sinos eu fiquei sabendo que foi feito pelos sineiros antigos, porque no período da quaresma não se repica os sinos é só dobro, aí durante o dia quando as imagens estão nas igrejas, eles começam a tocar tudo junto, e foi aí que começou essa rivalidade de quem gira mais, quem dobra mais, quem toca mais tempo. Todas três dobram junto no domingo entendeu? Eles devem ter conversado né pra poder fazer isso, aí até hoje tem essa rivalidade tem o combate dos sinos, é um dia de muita festa pra gente (ESC).

Como é possível verificar nos relatos, o combate foi criado pelos antigos como forma de inventar uma nova maneira de se fazer festa, para os sineiros é um momento de alegria e celebração por meio um costume histórico remoto, vivenciando anualmente até os dias atuais. Esse contexto, muito se assemelha ao que Ribeiro Júnior (1982, p.50) defende sobre a festa ser uma forma de celebração, que “tem como ponto de partida e de referência um evento histórico, passado ou possível, cujo significado é vivenciado ritualmente por um grupo. Celebrar é fazer a afirmação da vida e da alegria”.

Nesse sentido, ao festejarem por meio do combate dos sinos, os sineiros celebram a afirmação da própria vida e seu lugar no mundo. Tal como Bakhtin (1987, p.7) aprofunda essa questão ao acreditar que o papel da festa, seja ela de qualquer tipo, é uma marca da civilização humana, em que de maneira geral as festividades “[...] tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo e exprimiram sempre uma concepção de mundo”.

Verificou-se ainda, a fluidez e o dinamismo do combate dos sinos, onde cada um dos sujeitos envolvidos reconhecia e desempenhava seu papel criteriosamente. Além disso, antes de iniciar o combate, foi possível notar uma movimentação dentro das torres, mesmo estando lotada, cada vez mais chegavam sineiros para participarem da disputa. Era um misto de alegria, cumprimentos, abraços e conversas: “Nunca havia visto a torre tão viva, tão alegre e tão cheia de festa” (Nota de campo).

Conforme já apontado pelos entrevistados, na sexta-feira a Igreja do Carmo e a Catedral participam do combate, já no sábado, com Igreja de São Francisco de Assis como adversária, a batalha inicia-se com a Catedral tocando os sinos, devido à presença do Nosso Senhor dos Passos na igreja. E, no domingo, o último dia do combate, as três igrejas dobram os sinos juntas, disputando quem consegue revirar o sino por mais tempo. Segundo os entrevistados, para dobrar o sino mais rápido e por mais tempo requer agilidade, técnica, habilidade e criatividade. Tal como encontrado na literatura acerca do perfil que o sineiro precisa ter para um bom desempenho do ofício. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

Cabe ressaltar ainda, que no decorrer do combate são utilizados dois tipos de panos (vermelho e branco). Diante disso, um dos entrevistados explica detalhadamente acerca dos panos utilizados durante a disputa, bem como a mensagem e o significado de cada um deles. Vale destacar, ser por meio de tais tecidos que os sineiros conseguem se comunicar e compreender o que está ocorrendo na torre:

Tem os dois panos que a gente usa o vermelho e o branco, o branco é quando acontece alguma coisa assim, ou quando acontece algum acidente na torre, ou tamo cansado, ou alguma coisa no sino. Ai a gente balança o pano na torre ai lá eles já tão sabendo que a gente vai parar. Agora o vermelho é pra poder ter mais agito. Querer que roda mais, provocar o adversário, entendeu? (ESC).

Segundo os depoentes, após o carnaval, no período da quaresma, não há repiques, ou seja, não são tocados essa modalidade, uma vez que os repiques

apresentam a característica de serem festivos e com isso é incoerente tocar tal tipo de toque, devido ao fato de ser um momento voltado para reflexão e recolhimento. Então, é por isso que o combate ocorre somente com o dobre do sino. Conforme expresso no depoimento abaixo:

No período da quaresma os repiques ficam sem uso, eles não são utilizados, justamente porque a quaresma é um tempo de reflexão, oração, jejum, modificação, é um tempo de voltar mais a paixão de nosso senhor Jesus Cristo e nos preparar justamente para sua páscoa, a ressurreição. Então esse momento no lugar dos repiques a gente usa só os dobres, acontecem só os dobres e não tem repiques, porque os repiques são festivos. Então, nesse período da quaresma acontecem só os dobres para convidar os irmãos para a celebração da santa missa, que são as chamadas 18 pancadas espaçadas no sino principal. A gente faz a primeira chamada, depois a segunda chamada faltando uns 15 minutos antes da celebração e logo em seguida bate a entradinha no sino pequenininho indicando o padre que vai fazer a celebração (ESF).

Tal quadro apontado pelo sineiro acerca da quaresma ser um tempo de modificação e reflexão, dialoga com a perspectiva levantada por Bakhtin (1987, p.8) acerca da relação da festa com:

Os fins superiores da existência humana, a ressurreição e renovação, só podia alcançar sua plenitude e sua pureza, sem distorções, no carnaval e em outras festas populares e públicas. Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância.

Dessa forma, a festa do combate dos sinos adquire dois significados encontrados: um momento de celebração e “afirmação da vida”, e o outro de reflexão e recolhimento.

Além disso, o papel das instituições religiosas no cenário festivo da cidade é reforçado pelos depoentes, os quais acreditam que a tradição do combate dos sinos, assim como as festividades são-joanenses, existe devido à união entre as irmandades de São João del-Rei. Para os sineiros com a ausência dessas instituições religiosas tanto a batalha dos sinos, quanto o ofício de sineiro seriam erradicados:

Muitas coisas que nós temos hoje, graças a Deus, nós temos a nossa semana santa, nossos cortejos fúnebres, nossas festividades, nosso combate, graças a nossas próprias ordens terceiras, irmandades e confrarias, que estão unidas

uma com a outra para ajudar a manter isso. Porque se não tivesse essas irmandades e ordens terceiras, eu acredito que muitas dessas coisas tinha acabado, o toque dos sinos tinha acabado também (ESF).

Nossas irmandades é que seguram tudo isso aqui né, nossas festas, nosso sinos, nossos toques, nosso combate de sino, até nosso ofício, se não fosse nossas irmandades tudo daqui de São João nossas festas não iam ter mais não (ESC).

Tal panorama resgata o que a literatura da área⁴ defende acerca do papel das irmandades no período colonial de Minas Gerais até os dias atuais, como sendo a principal promotora das festas religiosas das cidades, além de ensinarem a população o ritual religioso a ser seguido, prestavam assistência espiritual, física e cultural. Em que basicamente, o propósito era a manutenção da ordem social assim como regular a vida sociocultural dos membros por meio da religião.

Similar a isso, Bakhtin (1987) acredita que na prática a festa religiosa denominada “oficial”, ou seja, aquela realizada e permitida pela igreja, “olhava apenas para trás, para o passado de que se servia para consagrar a ordem social presente” (BAKHTIN, 1987, p.8). Dessa forma, o autor enfatiza o papel controlador da festa, feito para consagrar ou sancionar o regime vigente, com vistas a fortalecê-lo.

É válido mencionar, que além da união entre as irmandades conforme apontado pelos sineiros constatou-se o vínculo e a amizade também presente entre os próprios sineiros, pois, apesar da disputa dos sinos, os entrevistados enfatizam o companheirismo entre os sineiros de cada igreja:

O combate vamos dizer que é uma disputa saudável, essa disputa só acontece lá na torre, porque entre nós sempre uma torre com a outra tivemos uma amizade muito forte aqui, os sineiros de São João são bem unidos mesmo, a gente aqui tem muita amizade com o pessoal que toca sino no São Francisco, tem muita amizade, com o pessoal que toca sino no Carmo, a amizade nossa dos sineiros daqui de São João é muito forte mesmo (ESM).

Os sineiros daqui de São João são muito unidos, a gente conhece todo mundo, sabe até quem tá em cada torre tocando. A gente sempre teve uma amizade muito forte um com o outro né, a gente é muito unido (ESC).

⁴ (BRASILEIRO, DANGELO, 2013; NEVES, 2009; SCARANO, 1978; BOSCHI, 1986; PEREIRA, 2011; CAMPOS, 2011; SOUZA, 2011; GOMES, 2009).

De maneira geral, para os sineiros, o combate dos sinos é um momento festivo repleto de alegria, celebração e também de reflexão. Assim, pode-se caracterizá-lo como uma manifestação festiva religiosa, em que os sineiros vivenciam experiências de caráter no qual abre espaço para compreender a presença do lazer. Isso pode ser explicado nas palavras de Rosa (2007, p.197) em que a autora compreende a festa tanto como um:

[...] espaço de encontros, contradições, entretenimentos, reivindicações, disputas e mediações, ressaltando a possibilidade que ela abre para a vivência do lazer. Isso ocorre não só porque nela evidenciam-se elementos diretamente associados ao lazer, como o lúdico, o divertimento, a gratuidade e o prazer, mas também devido à pluralidade e diversidade de manifestações, bem como de experiências que propicia, estando muitas delas vinculadas a atividades e valores experienciados no tempo disponível, como a possibilidade de vivenciar ações criativas e críticas, podendo gerar contestação, mudança e transformação.

Nesse sentido, a disputa dos sinos pode ser pensada como um momento de encontro, em que o sineiro pode manifestar ludicamente a criatividade e vivenciar o lazer por meio dessa experiência. Além disso, os sineiros têm a oportunidade de experienciar cotidianamente uma manifestação histórica, alicerçada aos resquícios de um momento histórico vivido no passado. Esse processo deixou “marcas”, culturais, históricas, sociais e religiosas, existentes até os dias de hoje na realidade são-joanense; em que tais marcas caracterizam-se como uma expressão cultural e ideológica de um modo de ser dos sineiros são-joanenses.

Os Sinos São-Joanenses: “Um Meio de Transmissão”

Os sinos de São João del-Rei, em sua função comunicativa, abrange três características: informa as horas, informam notícias gerais não religiosas e anunciam e convidam a comunidade para acontecimentos de caráter religioso e festivo, evidenciando também o seu papel de anfitrião. No que tange ao anúncio das horas, é

válido salientar, que não é feito pelo sineiro e sim por meio de um martelo removível fixado ao sino.

Entretanto, segundo o entrevistado ESA para esse martelo informar o horário automaticamente, é preciso que o sineiro dê corda em um relógio de engrenagem manual. Além disso, de acordo com os relatos dos sineiros, apenas a Catedral do Pilar, por ser a igreja Matriz de São João del-Rei, foi selecionada para ser a igreja responsável por anunciar as horas na cidade. A partir disso, o sino assume a função de relógio e despertador, ainda muito utilizado pela população e pelos próprios sineiros, como pode ser verificado nos discursos abaixo:

Só no pilar que anuncia as horas, porque tem um martelo automático né, ai anuncia, mas só lá mesmo, porque é nossa igreja matriz né, nas outras igrejas não anuncia as horas não (ESC).

Muita gente da cidade usa o sino como despertador, tem gente que usa o sino pra acordar pra ir trabalhar até hoje (ESA).

Eu moro aqui pertinho do centro histórico então eu acordo com o sino da catedral, ele toca eu já sei que ta na hora de levantar (ESM).

Além disso, segundo os entrevistados os sinos continuam transmitindo informações em que parte da população, sobretudo os moradores do centro histórico ainda conseguem identificar e assimilar os significados dos toques. Já no papel de anfitrião, o sino além de anunciar as notícias de caráter religioso, convida a população, para as missas e festividades religiosas:

Quando a gente toca para alguém que faleceu, a gente dá um toque fúnebre aqui o pessoal começa a ligar aqui pra igreja entendeu? E pergunta quem que é que faleceu ou quando eu saio na rua, às pessoas me perguntam, principalmente os mais velhos porque eles conhecem mais os toques, ai perguntam o que aconteceu, pergunta quem morreu, vem aqui na igreja me procurar pra saber o que aconteceu. Alguns jovens também sabem o que os sinos tão falando sabe. É porque a vizinhança aqui do centro histórico vai escutando os sinos, ai escuta também todo domingo, escuta de falecimento, ou de festas, ai a pessoa vai escutando e sabendo o que é o que significa (ESC).

Os sinos antigamente era um meio de transmissão, ele dava notícia de tudo dentro da cidade, hoje em dia a gente não dá notícia de tudo mais por causa

da mudança dos tempos com a tecnologia muita coisa mudou, mas a gente, os nossos sinos continua como um meio de transmissão, anunciando as horas, outras notícias que acontece na cidade, a gente continua anunciando nossas festividades e convidando os fieis, as pessoas pra missa e pras nossas festas religiosas, então o sino chama e o povo vem (ESF).

Assim sendo, como é possível inferir nos relatos acima, o sino ainda mantém a função similar desde os primórdios dos tempos coloniais enquanto marcador temporal da vida civil; bem como regulador do tempo cristão e anunciando acontecimentos e festividades além de convidar a população para os ritos religiosos, dialogando então, com a bibliografia da áreas.

No que concerne às notícias gerais de caráter não religioso, por exemplo, um dos momentos considerados mais marcantes e característicos citado pelos sineiros é referente ao registro como patrimônio imaterial do toque dos sinos e do ofício de sineiro de São João del-Rei. O entrevistado ESF relembra com nostalgia e orgulho, acerca do momento no qual foi anunciado em rede nacional a concretização do registro. O depoente relata a felicidade sentida e como forma de homenagear essa conquista, os sineiros subiram nas torres e em uníssono todos os sinos dos campanários são-joanenses foram tocados como forma de espalhar a notícia pela cidade:

Quando os sinos foram registrados como patrimônio imaterial na época saiu em rede nacional, então quando foi anunciado, foi uma alegria muito grande pra nós, ai todos os sinos aqui de São João foram tocados nesse momento, todos nós sineiros subimos nas torres e tocamos nossos sinos, foi mais um elemento mais uma coisa boa uma conquista que conseguimos para os sinos e pra nós sineiros. É um orgulho para nós, nós conseguimos esse tombamento imaterial com o que nossos antepassados deixaram pra nós e por isso eu acho importante manter essa linguagem antiga dos nossos toques dos sinos (ESF).

Outro anúncio não religioso feito pelos sinos é referente ao momento de passagem da tocha olímpica na cidade. Entretanto, é importante ressaltar que para anunciar as notícias gerais, é necessário passar pelo crivo dos superiores ligados a

⁵ (LE GOFF, 1984; VENDRAMINI, 1981; BRASILEIRO; DANGELO, 2013).

igreja, conforme aponta o entrevistado:

Os sinos anunciam outras coisas mais é com autorização do bispo ou do pároco. Então, quando a tocha olímpica teve aqui em São João que ela passou aqui é... Todos os sinos das igrejas aqui do centro histórico foram repicados entendeu? Não dobrou, mas repicou, anunciando que tinha a tocha passando na cidade (ESC).

Nesta conjuntura, ao retomar a genealogia da palavra sino proveniente de “sinal sonoro” (SOUZA, 2012), é possível verificar que o sino se configura como uma potência que media as relações humanas. Pois, a partir da emissão de um sinal sonoro que ao disparar, propaga tanto sob o viés convidativo quanto informativo, um sistema comunicacional gerador de manifestações culturais, entrelaçando os sineiros, a população são-joanense, a igreja, os ritos e as festas.

Ofício de Sineiro: “Uma Paixão Inexplicável pelos Sinos, as Torres e as Coisas do Ofício”

Cada sineiro que eu conhecia e conversava fui percebendo uma característica ímpar, um ponto em comum, uma convergência: a paixão pelo ofício! A honra em ser sineiro! Para mim essa é a maior identidade, talvez a única, o amor pelo o que fazem chega a saltar pelos olhos, era uma paixão pelos sinos, pelos toques, pelas torres, pela igreja. Os olhos brilhavam de uma maneira peculiar ao falarem do ofício, era visível o orgulho de ser sineiro são-joanense. Isso realmente me tocou, foi a primeira vez em minha vida que presenciei pessoas falarem com tanto amor, tanto entusiasmo, tanta devoção e paixão sobre seu trabalho, sobre seu ofício. Aliás, para os sineiros não chega a ser uma profissão e sim uma ideologia de vida. A exaltação e a valorização dada ao sino, ao ofício de sineiro realmente me impressionou. Não apenas os sinos são-joanenses me tocaram, mas também os sineiros são-joanenses (Notas de campo).

Aprendizagem do Ofício de Sineiro: Uma Prática Iniciada na Infância

O ofício de sineiro de São João del-Rei é uma prática iniciada desde cedo, segundo os entrevistados, começa entre os 5 a 12 anos de idade. Os depoentes relatam que o interesse pelos sinos iniciou-se na infância, muitos deles por influência dos pais,

tios ou primos sineiros, ou pela própria trajetória religiosa da família. Há ainda, aqueles que alegam já estarem inseridos no universo da igreja como coroinhas, e com isso acabaram se envolvendo com os sinos e seus toques, como é possível observar nos relatos abaixo:

Eu toco o sino desde os 5 anos de idade, eu era coroinha ai fui me envolvendo com a igreja e os ritos e ai fui aprendendo a tocar os sinos (ESP).

Trabalho como sineiro tem 6 anos, mas toco desde meus 9 anos. Eu era coroinha da igreja, ajudava as santas missas né e aí eu comecei a ter um gosto de aprender o toque dos sinos. Porque eu achava bonito né e interessante também, pra igreja e pra cidade (ESC).

Trabalho como sineiro desde os meus 15, mas que eu toco o sino que eu subo na torre mesmo é desde os meus 4 anos de idade. Minha família é toda sineira né, meu pai foi sineiro da catedral, saiu tem pouco tempo, meu tio, meu padrinho. Ta no sangue né (ESM).

Agora “to” completando meus 25 anos, minha boda de prata como sineiro. É muito gratificante é muito bom. Inclusive eu falo com a meninada tem que gostar do que se faz. Não adianta você “ta” ali por acaso ou por pura diversão. Tudo começou com a curiosidade, porque sou de família muito religiosa, participava com meus pais sempre acompanhando as procissões e celebrações, então, eu via ali o sino tocar e ficava curioso, curiosidade em saber por que o sino “ta” tocando, o que está acontecendo. Sempre tive interesse. Até que um dia quando eu tinha uns 14 anos, conheci o sineiro da época e pedi com jeitinho, a gente tem aquele jeitinho meio acanhado da gente né, ai cheguei e pedi para conhecer as torres conhecer os sinos, ficava acuado no cantinho vendo ele tocar o sino. Ai ele falou tem vontade de aprender a tocar sino? Tenho vontade sim. E ai comecei a tomar partido do sino, ter conhecimento sobre repiques e dobres (ESF).

Já em relação ao processo de aprendizagem do ofício de sineiro são-joanense basicamente, está fundamentado na observação e prática. A persistência e vontade de aprender também é uma das características apresentadas pelos sineiros. Esse cenário reforça o que Brasileiro e Dangelo (2013) salientam que o aprendizado é dado pelo erro e acerto e treino constante a fim de aprimorar a prática. Observando atentamente, os depoimentos abaixo verifica-se a força de vontade e o empenho na busca para ser sineiro:

O sino é como um instrumento é um compasso, um compasso no compasso, a gente aprende ouvindo, observando, praticando, então desde pequeno eu observava e tive vontade de aprender, mas tem que gostar ter força de vontade, mas pra mim foi bem natural aprender, acho que foi porque eu nasci

pra ser sineiro né (ESM).

Eu estudava na época, então eu vinha no horário de meio dia, 15hrs não dava pra vir, porque eu tava no colégio. Mas saía diretamente do colégio cinco e pouco e já vinha diretamente pra cá para o sino das 18:00 e das 20:00, isso durante a semana, finais de semana, já vinha em todos os horários, para focar para aprender o que eu tinha que aprender. Eu tive o intuito de aprender, a força de vontade de aprender a repicar os sinos, mas tem que tê persistência né. Então com 15 anos fiz um objetivo de vida meu aprender a tocar o sino (ESF).

Eu tava com uns 9 anos quando eu comecei a subir na torre e aprender com o sineiro da época, eu, na época eu ia todo dia na torre pra aprender, aí escutava, observava e praticava muito também né (ESC).

Os entrevistados relatam que atualmente, ainda há muitos jovens interessados em aprender a tocar os sinos, muitas crianças e adolescentes procuram os sineiros responsáveis de cada campanário e com isso começam a inserir-se no universo dos toques de maneira livre e voluntária:

Tem muitos jovens querendo aprender os toques, nos domingos vem uns 4 ou 5 rapazinhos, até mais e ta tudo aprendendo sabe, fora nas outras igrejas que vai uma turma também. Porque a turma gosta de ir pra uma igreja tudo por causa do jeito do sino, cada um vai pra aquela que eles acham o sino bão, bonito, que tem um som bonito, as igrejas que o sino toca direto. Então tem uma galera boa nas nossas igrejas (ESC).

Aqui quem procura mais são as crianças, os jovens de são João del-Rei, tão preferindo a igreja do Carmo, igreja da Catedral, que são igrejas que tem toques que são mais contínuos né, que tocam mais dias. Aqui a gente repica quando tem enterro ou então todo domingo não é um sino que toca com frequência igual na catedral que são todos os dias. Então, eu to mais com a turma dos mascotinhos, meus pequenininhos de 5 a 12 anos (ESM).

Muitos jovens procuram a gente pede para subir nas torres, começam a vir e observar, então tem muito jovem interessado em aprender o jogo dos sinos, porque os jovens se empolgam dentro das torres eles gostam muito da parte da adrenalina de revirar o sino (ESF).

Assim, as torres da cidade acabam recebendo jovens interessados em participar cooperativamente, além de obedecerem ao ritmo e as regras que o ofício apresenta, também participam e partilham das experiências durante a aprendizagem do ofício, tornando as relações estabelecidas entre mestre e aprendiz do ofício de sineiro mais fluídas e engajadas. Nesta circunstância, Lave e Wenger (1991, p.93) tecem o argumento de que a aprendizagem é “uma prática improvisada: um currículo de

aprendizagens explicitado nas oportunidades para se engajar na prática. Este não é especificado como um conjunto de preceitos sobre uma prática adequada”. Assim, a ideia dos autores versa na perspectiva de compreender que não estão nos mestres os conhecimentos, os saberes e fazeres, e sim na manifestação cultural em si, na qual os sujeitos (mestre e aprendiz) estão envolvidos.

Nesta conjuntura, ainda referente ao processo de transmissão dessa prática, segundo os depoentes, está nos repiques, eles alegam que para ser um "sineiro de verdade", a base de toda a aprendizagem do toque dos sinos, estão e são os repiques, devido ao fato de serem os toques realizados com mais frequência no cotidiano festivo religioso da cidade:

A base do sino dentro da nossa cidade são os repiques, pra você ser um bom sineiro, um sineiro de verdade assumir o campanário de qualquer igreja, tem que saber repicar, o principal dos toques são os repiques, não é dobrar os sinos. O dobre do sino é o complemento do sino. Os repiques são feitos no dia a dia, nas celebrações, cerimônias que acontecem nas nossas igrejas (ESF).

Eu procuro sempre mostrar para os que tão aprendendo a importância dos repiques, porque a adrenalina dos jovens maiores é dobrar o sino, colocar o sino a pino de ponta cabeça e não é isso, é bonito faz parte do jogo dos sinos, mas não é isso a base toda dos sinos para ser um bom sineiro, é ter uma base de todos os repiques de sinos (ESC).

Ludicidade no Ofício de Sineiro: “O Sino Enche Minha Vida de Sentido”

Para além deste processo de aprendizagem, devido ao fato deste ofício caracterizar-se enquanto uma expressão cultural e humana, por considerar a experiência e interação dos sujeitos em relação ao toque dos sinos, verifica-se a necessidade de discutir o aspecto lúdico do ofício de sineiro são-joanense.

Nesse sentido, de acordo com Gomes (2004, p. 1) no senso comum o “lúdico” está inserido apenas na fase da infância, fortalecendo assim a “crença de que pessoas de outras faixas etárias, preocupadas com as coisas “sérias” da vida, não podem se entregar às chamadas “atividades lúdicas”, nas quais predomina um suposto caráter inútil-

improdutivo”.

A autora aponta ainda, que “em nossa sociedade capitalista o lúdico é equivocadamente relegado à infância e tomado como sinônimo de determinadas manifestações da nossa cultura (como festividades, jogos, brinquedos, danças e músicas, entre inúmeras outras)”. (GOMES, 2004, p.3) Quando na verdade existe uma gama de práticas culturais construídas social e culturalmente pelos sujeitos no contexto no qual estão inseridos. Diante de tal circunstância, Gomes (2011a) acredita na necessidade de aprofundar as discussões acerca dessa temática compreendendo a “ludicidade enquanto linguagem humana, pois as práticas culturais não são lúdicas por si mesmas: elas são construídas na interação do sujeito com a experiência vivida”. (GOMES, 2011a, p. 34).

Mediante a isso, Gomes (2004) fundamenta-se em Debortoli (2002) ao corroborar que a ludicidade caracteriza-se com linguagem humana, na qual possibilita ao sujeito criar e expressar-se no sentido de (re) significar a própria existência. Para Debortoli (2002) a linguagem está além da fala “é expressão, é capacidade de tornar-se narrador”:

Se tomarmos a linguagem para além de seu entendimento restrito, como sinônimo de comunicação, se a entendermos como capacidade de significação e expressão, podemos também compreender nossa presença humana no mundo como narradores de nossa própria história, de nossa própria experiência, experiência que é partilhada e experimentada por outros seres humano. Nesse ponto, torna-se possível e necessário resgatar o que se tem denominado por múltiplas linguagens (DEBORTOLI, 2002, p.75).

Assim sendo, enquanto linguagem humana, Gomes (2004, p.3) acredita que o lúdico se manifesta de “diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, entre outras) e ocorrer em todos os momentos da vida – no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência, etc.”. Sendo estas algumas das características que compõem a dimensão lúdica.

Dessa forma, Gomes (2011b, p.149) endossa que a ludicidade diz respeito à

“capacidade do *homo ludens* – em sua essência cultural que brinca e joga – de elaborar, aprender e expressar significados”. Para a autora, a ludicidade “é construída culturalmente e cerceada por vários fatores, tais como normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência. Reflete, assim, as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em cada sociedade”. (GOMES, 2011b, p. 149). Tal posicionamento dialoga com o ofício de sineiro na medida em que essa prática se configura como tradição histórica permeada de valores, contradições, crenças, comportamentos e costumes. Assim sendo, os depoimentos seguintes evidenciam algumas crenças e valores presente no imaginário dos sineiros acerca do ofício:

Os sinos, as torres, os toques e os ritos da igreja, nos ensina muito sobre a vida, ter respeito, ter educação, o sino educa minha filha, ensina a gente a ter respeito com os outros companheiros, ensina a gente a respeitar as regras e aprender que tudo tem um limite (ESF).

O toque dos sinos é uma tradição da nossa cidade, é uma coisa muito nossa muito são-joanense (ESC).

Os sinos é um legado dos nossos antepassados, é nossa história, é minha história de vida é a cultura da nossa cidade, os sinos pra mim é uma tradição de São João (ESM).

Ademais, a partir do depoimento seguinte, o ofício de sineiro pode ser considerado uma manifestação que abre espaço para a expressão da ludicidade trazendo um sentido para a vida dos sujeitos por meio da experiência social e cultural que o ofício lhes provocam:

Aaaa... minha filha quando eu to na torre repicando tocando para nossas festividades aquilo enche minha vida, enche minha alma de satisfação, não parece um trabalho o que eu faço parece meus momentos de lazer de relaxar. A gente toca quando é pra festejar, pra comemorar, pra rezar, a gente toca quando alguém falece, então é toque de tristeza, de dor, toca pra avisar outras coisas boas que acontece na nossa cidade. Então eu sinto a importância que o meu ofício como sineiro tem e o que ele faz também, porque ele faz as pessoas sentirem emoção e até eu também quando eu to tocando, eu sinto uma emoção muito grande, uma satisfação de fazer parte das nossas festas dos sinos fazerem parte da minha vida. Eu quando toco que o toque é triste eu também fico triste, quando o toque é alegre eu também fico alegre (ESF).

Diante de tal relato, vê-se a presença da ludicidade no ofício de sineiro trazendo sentido para a vida do entrevistado, bem como para a experiência sentida e a interação vivida em relação ao ofício. Verifica-se ainda que o depoente chega a afirmar que o ofício é um momento de lazer. Nessa conjuntura, o lúdico para Gomes (2011b, p. 149) é a “essência do lazer”, pois é “aquilo que confere sentido as experiências culturais desfrutadas pelos sujeitos em distintos contextos”. É válido salientar, que o lazer, mencionado anteriormente, é aqui compreendido como uma dimensão da cultura, o qual é caracterizado:

Pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Constituído conforme as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido, o lazer implica “produção” de cultura – no sentido da reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos, sociedades e instituições (GOMES, 2011b, p. 149).

É passível esclarecer que as práticas culturais mencionadas acima, são exemplificadas pela autora como sendo: “a festa, o jogo, a brincadeira, o passeio, a viagem, as diversas práticas corporais, a dança, o espetáculo, o teatro, a música, o cinema, a pintura, o desenho, a escultura, o artesanato, a literatura e a poesia, a virtualidade e as diversões eletrônicas, entre incontáveis possibilidades” (GOMES, 2011a, p. 35).

Gomes (2011a, p.36) defende ainda o papel da ludicidade de estimular os sentidos dos indivíduos, uma vez que “exercita o simbólico e exalta as emoções, mesclando alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite.” Essa característica da ludicidade acaba perpassando os sentidos e sentimentos experienciados pelos sineiros, pois ao tocarem os sinos, ocorre a vivência emoção, tensão, concentração, além de alegria e satisfação em tocar. Conforme ressaltado pelos depoentes:

Eu fico muito concentrado quando to tocando, tem que ter cuidado para não

errar nada, sinto uma satisfação, um orgulho, uma alegria quando toco os sinos (ESA).

Eu sinto uma satisfação muito grande quando to tocando o sino é mais um orgulho nosso, eu tenho muito orgulho de ser sineiro (ESM).

Eu sinto uma satisfação, uma emoção por estar tocando pra Deus, pra mim mesmo e pra outras pessoas da nossa cidade (ESP).

Quando eu to tocando eu me sinto muito bem, uma sensação boa né de bem estar, é gratificante pra mim sabe, é uma satisfação uma alegria grande mesmo sabe? (ESC).

Como pode ser observado nos relatos acima, vê-se a própria fruição da ludicidade, é visível o estado de bem-estar que acomete os sineiros enquanto tocam os sinos, nesse sentido, Freinet (FREINET, 1998, p.304) alega que na perspectiva lúdica esse sentimento nada mais é do que: “a exacerbação de nossa necessidade de viver, de subir e de perdurar ao longo do tempo. Atinge a zona superior do nosso ser e só pode ser comparada à impressão que temos por uns instantes de participar de uma ordem superior cuja potência sobre-humana nos ilumina”. Para o autor esse “estado de bem-estar” não se restringe apenas na individualidade dos sujeitos, é uma forma de exaltação íntima da potência dos sujeitos na vida e no contexto no qual estão inseridos. Freinet (1998 - 1896) acredita que este estado contribui para que os sujeitos descubram e exaltem as potências internas mais íntimas. Logo, esse processo segundo o autor, permite aos indivíduos vivenciarem abundantemente a dimensão lúdica.

Devocionalidade no Ofício de Sineiro: “O Sino Eu Falo com a Meninada é um Instrumento Imaterial Sagrado”

No tocante ao sentimento de devoção dos sineiros são-joanenses em relação ao ofício, foi possível constatar a presença da devocionalidade religiosa na vida dos sineiros, um exemplo disso, está presente no discurso do entrevistado ESF, o qual alega ter recebido uma bênção divina no momento em que se tornou o sineiro da igreja:

Quando eu entrei aqui pra torre tava sem sineiro na época, ai ficava a torre sem tocar o sino, passava a procissão era uma coisa dolorosa, e a gente via o sino e não podia fazer nada. Então qual foi meu objetivo maior, virar sineiro, fui na cara e coragem né, fui procurar a administração da igreja para poder dar continuidade ao toque dos sinos. Conversei com os responsáveis, eles me apresentaram para todos que trabalhavam na igreja e na reunião diante deles eu expus a situação, eles também estavam por dentro da situação dos sinos ficarem sem tocar, e eu falei que queria dar continuidade ai eu fui designado a tomar frente dos campanários da torre de São Francisco. Isso foi em 1992, 24 de setembro de 1992. É onde eu tive a complacência da benção de Nossa Senhora das Mercês de poder entrar aqui na nossa igreja. No dia tava acontecendo a procissão dela e ela estava passando em frente a nossa igreja, aconteceu que deu um temporal, e o lugar mais próximo para ela entrar era aqui, ai ela teve que entrar aqui dentro, eu tive esse prazer e essa benção dela, eu fui iluminado por ela por poder ta subindo a torre virando sineiro dessa torre no dia dela. Então eu sou muito devoto a ela, eu agradeço muito a Deus e ela por ter sido abençoado por ela no meu primeiro dia como sineiro (ESF).

Na relação devocional, os devotos costumam apresentar certa veneração especial por algum objeto. Diante disso, verificou-se que os sineiros mantêm uma devoção ao objeto sino, pois, para os sineiros o sino é sagrado, e com isso mantêm uma relação de respeito e afeto:

O sino eu falo com a meninada é um instrumento imaterial sagrado, a gente deve ter respeito e pudor diante deles. Ele nos transmite uma paz, o sino pra mim transmite uma paz interior para minha alma, uma elevação muito grande, uma tranquilidade muito boa. Então, se ele transmite algo de bom pra gente porque eu também não posso transmitir igual para ele. Isso é muito importante na vida de um sineiro ser responsável pelos nossos sinos (ESF).

Os sinos a gente tem respeito por eles, porque é um objeto sagrado, eu sempre passo para os rapazinhos essa importância dos nossos sinos pra nós que é sineiro (ESC).

Os sinos ensinam a gente muita coisa sobre a vida né, a gente aprende muito com os sinos principalmente sobre religião, o sino a gente tem que ter respeito por eles, eu respeito muito os sinos porque é um instrumento sagrado (ESM).

A partir disso, como é possível perceber, a devoção é caracterizada pela religião e está repleta de crenças, isso remete a constatação de Durkheim (2003, p.32) o qual afirma ser a religião um: “[...] sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a que ela aderem”. Com isso, na

visão dos depoentes, a crença do sino são-joanense ser considerado um objeto sagrado pode ser devido ao fato dos sinos serem batizados e receberem um nome conforme os relatos abaixo:

Todos os nossos sinos são batizados e têm um nome que eles recebem. Por isso eles são sagrados, porque são batizados eles têm a benção de Deus (ESF).

Os sinos aqui de São João têm até nome, nossos sinos são sagrados porque são tudo batizado (ESM).

Cada sino um dos nossos sinos antes de entrar pra torre foram batizados né, e cada um tem um nome diferente, é por isso que os sinos daqui são sagrados né (ESC).

Esse quadro retoma ao que Lesage (1959) endossa acerca da necessidade da igreja de santificar seus objetos como forma de oficializar a sacralidade dos bens pertencentes aos seus ritos tornando-os assim, uma crença no imaginário social e cultural dos indivíduos. De acordo com Laburthe-Toira; Warnier, (1997, p.259) a religião enquanto uma expressão cultural é determinante, pois modela as crenças e a conduta dos seres humanos na vida em sociedade. Para os autores a religião: “[...] mantêm estreitas relações com os outros domínios da vida social, e contribui para formar o *ethos* de uma sociedade, isto é, o conjunto de referências morais, de valores e costumes que dominam o dia-a-dia”. Essa perspectiva pode ser encontrada no depoimento abaixo o qual evidencia a conduta a ser adotada e repassada no ofício:

Aqui em São João cada torre tem seu responsável para manter a disciplina e a ordem dentro da torre. Eu falo com a meninada tem que ter disciplina, uma ordem, uma educação, eu passo isso pra eles, os sinos nos ensinam tudo isso (ESF).

Além disso, outra crença que permeia o imaginário da devoção dos sineiros, refere-se ao que os entrevistados alegam acerca da existência de uma conversa entre os sinos, uma linguagem própria, frisando ser este o motivo de São João del-Rei ser a “cidade onde os sinos falam”:

São João pra mim é a terra onde os sinos falam mesmo sabe, você não encontra tantos toques assim em outros lugares “né”. A gente tem os toques antigos até hoje, cada solenidade na igreja tem um toque certo, tem a linguagem dos sinos (ESC).

Aqui nossos sinos falam mesmo, por isso a gente é conhecido como a cidade onde os sinos falam, porque o sino tem uma conversa, tem um intercambio entre eles, o pequeno chama, o médio vai perguntar o que o pequeno ta chamando, e o grande vai responder o que o médio ta perguntando. Então se você pega logo o grande que ta dando a resposta não tem como porque você não sabe qual é a pergunta, não sabe porque o pequeno ta chamando (ESF).

Assim, é a partir dessa associação que as mensagens são transmitidas adequadamente contribuindo para a função comunicativa do sino. (IPHAN, 2009b; BRASILEIRO, DANGELO, 2013). Além disso, a visão dos depoentes é similar às ponderações encontradas na literatura ao acreditarem que essa conversa dos sinos, ou seja, a linguagem dos sinos se preservou ao longo dos séculos por meio da tradição oral do ofício. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). O relato a seguir explica detalhadamente essa oralidade:

Eu passo pra meninada tudo do jeitinho que eu aprendi, do jeito que me foi passado essa nossa tradição. Porque cabe a nós respeitar e preservar esse legado que foi deixado para nós. Eu sempre incentivo a meninada falo quando eu tenho que ficar brabo, quando eu tenho que dar um castigo eu dou sim, eles vão entender o porque daquilo ali. E entendem. A verdade é essa. Às vezes eles falam comigo você é chato, não sou chato, futuramente vocês vão me agradecer, como eu já agradei aqueles que me ensinaram e fizeram isso por mim, e vão saber a importância disso. Eu falo com eles que hoje eu to aqui amanhã serão vocês, eu to aqui preparando vocês para um dia vocês estarem no meu lugar. Vai ser uma satisfação muito grande pra mim saber que tudo que foi passado pra vocês, vocês aprenderam e tá dando continuidade a esse nosso legado, a essa nossa tradição sendo passada de mão pra mão pra não se perder (ESF).

Nesse sentido, a devoção que permeia o universo do ofício de sineiro de São João del-Rei, está ligada ao fatos dos sineiros mais do que serem devotos a prática religiosa em si que emerge do ofício, mas serem ainda mais devotos ao objeto sino suas nuances, histórias e a tradição que carrega e é passada de geração em geração. Para além da religião, pode-se afirmar que os sineiros são-joanenses são devotos ao sino e seus toques.

Corporalidade no Ofício de Sineiro: “À Medida que Você ta Batendo o Sino Parece que Você ta se Materializando Dentro do Próprio Sino”

Aaaa... minha filha, eu posso falar de coração e alma aberta os sinos pra mim é a segunda família que eu tenho na minha vida! O sino me transmite muita paz, uma paz muito grande, muito boa, na minha pessoa, no meu interior, na minha alma, para que o sino conversa comigo, porque à medida que você ta batendo o sino parece que você ta se materializando dentro do próprio sino (ESF).

Ao se falar em corporalidade é preciso compreender o processo de interação dos seres humanos com os objetos. Para isso, Debortoli e Sautchuk (2013, p.2) tecem o argumento de que recentemente a antropologia tem se preocupado com as diversas formas de sociabilidade as quais “relacionam humanos, não humanos e artefatos em diferentes contextos”. Desse modo, fundamentados em Mauss (2003) para os autores a ideia é pensar nas práticas humanas, a partir da ótica da “matriz de relações” entre a pessoa, a técnica e o ambiente, de maneira associada em detrimento de uma visão separatista. Uma vez que tais elementos “não se revelam objetivados e estáticos, mas de forma integrada em diferentes experiências culturais (DEBORTOLI; SAUTCHUK, 2013, p. 3).

Nesse sentido, a perspectiva da corporalidade no ofício de sineiro, se fundamenta na relação entre o sineiro e o objeto sino, em que esta interconexão gera um emaranhado de manifestações culturais. Essa conexão do sineiro com o sino caracteriza-se como a principal ferramenta geradora de manifestações culturais, que irão emergir dos toques produzidos, uma vez que o sineiro ao tocar o sino comunica notícias gerais e religiosas além de anunciar e convidar a população para as festividades.

Diante disso, será explanado a relação do sineiro e o sino, a partir das duas categorias de toques são-joanenses existentes (Dobre e repique). Assim, para existirem os toques na modalidade dobre, por exemplo, é preciso que o sineiro realize um

movimento corporal com o sino. Antes de iniciar o toque, o sineiro faz o ato de “catar” o sino, o qual de acordo com os depoentes e em consonância com a literatura é o movimento que o sineiro faz ao mesmo tempo em que o sino até conseguir colocá-lo a pino, ou seja, de boca para cima, com vistas a iniciar o dobre. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013).

Segundo os depoentes é preciso movimentar o corpo simultaneamente ao movimento do sino, criando dessa maneira, o dobrar dos sinos. Com o dobre iniciado, entretanto, é preciso de dois sineiros tocando juntos, cada qual se posiciona em lados opostos e fazem uma movimentação única e sincronizada, onde corpos e objeto se misturam ao movimento de dobrar o sino, como se fosse um só.

Os depoentes garantem que um movimento errado, seja mais lento ou rápido, o sineiro pode ser golpeado pelo sino, e até mesmo arremessado da torre, mediante a isso, os sineiros alegam que é preciso movimenta-se de maneira ritmada:

Enquanto a gente vai dobrando a gente vai revezando, os novatos quando ta aprendendo a gente deixa eles começarem a dobrar o sino, a gente não deixa eles pegarem quando ta no embalo entendeu? Porque como eles tão aprendendo eles ainda não têm a prática, porque você tem que ter uma agilidade, você tem que tá numa velocidade igual o sino tá entendeu? A jogada do seu corpo tem que tá igual a do sino, porque se você perde tempo, diminui o ritmo ele te esbarra, pode até te jogar pra fora da torre, então você tem que movimentar junto com o sino na mesma velocidade (ESC).

Como é possível notar, é necessário que os sineiros tenham a técnica e habilidade para conseguir dobrarem os sinos. Nessa sequência, a habilidade na perspectiva de Ingold (2000) está relacionada à sociedade na medida em que possibilita compreender não apenas os processos das produções, mas também de transformação do mundo por meio da ação humana e como esses processos são reproduzidos social e culturalmente no decorrer dos anos. Para o autor esses processos permitem o engajamento dos indivíduos. No contexto do ofício, o sineiro que já adquiriu a habilidade necessária reproduz para os aprendizes todo o processo de aprendizagem de

tocar os sinos, inclusive o movimento corporal a ser realizado. Segundo os entrevistados, além da observação e da prática constante, às vezes é preciso que o sineiro auxilie o aprendiz a tocar o sino:

Tudo do jeitinho que eu aprendi eu ensino pra meninada que ta chegando, às vezes nos repiques quando a gente ta ensinando a criançada eu pego na mão dela e vou ajudando a repicar o sino, quem não tá acostumado chega até sentir dor no braço (ESF).

Diferente do dobre, o repique mencionado pelo depoente, é aquele em que o sineiro utiliza a corda para tocar o sino, não sendo necessário movimentar todo o corpo, apenas o braço. Nessa modalidade, associa-se o gancho o qual é afixado no sino e a corda de couro cru trançado. A conexão desses elementos facilita o toque, uma vez que torna mais leve o peso do badalo nas mãos do sineiro, contribuindo assim para ter um maior controle e variação rítmica dos toques são-joanenses. É válido lembrar que essa técnica foi criada pelos sineiros de São João del-Rei, e por isso os ritmos e toques são mais estruturados e complexos. (BRASILEIRO, DANGELO 2013; IPHAN, 2009c). De acordo com os sineiros, para se fazer o repique é preciso muita técnica:

Quando a gente repica os sinos tem que ter muita concentração e muita técnica também, saber o porquê ta repicando, saber a hora certa de repicar, de pausar o repique, saber o repique de cada uma das nossas solenidades, então eu falo mesmo que o repique ta no meu sangue, eu tenho que ter todo esse conhecimento (ESM).

Dessa maneira, ao se falar em habilidade, fala-se também em técnica, Debortoli e Sautchuk, (2013, p. 4-5) enfatizam a necessidade de a técnica ser compreendida por meio de um processo dinâmico e relacional, em que “não pode ser pré-determinada ou pré-conformada por nenhuma máquina, ferramenta, função ou significado”. Nesse sentido, sustentados em Ingold (2000), os autores entendem a “tecnicidade humana” a partir do processo de “transformação das relações sociais”. E prosseguem argumentando que tanto na perspectiva social quanto histórica, a técnica não é vista como um atributo

de um “indivíduo isolado, mas como um sistema de relações”. A importância de entender a técnica por esse viés, segundo os autores se dá por dois aspectos:

[...] se por um lado, rejeita explicações baseadas em causas físicas e naturais, por outro, não abandona completamente o dilema das relações entre cultura e natureza. Procura, entretanto, afastar-se de visões deterministas, anunciando um olhar ao ritmo da vida social e seus efeitos no corpo (DEBORTOLI; SAUTCHUK, 2013, p. 4).

Como é possível verificar no relato do depoente, além da técnica de tocar o sino, o sineiro precisa se conectar com todo o sistema relacional em que o ofício de sineiro está inserido. Ratificando assim o que Debortoli e Sautchuk, (2013) defendem sobre a técnica não ser um atributo de um “indivíduo isolado”, uma vez que a tecnicidade do ofício de sineiro ao tocar o sino, envolve toda uma teia relacional geradora de manifestações sociais e culturais e religiosas.

Aprofundando ainda mais esse ponto de vista relacional, os autores mencionam a noção da “atenção e percepção”, para além do movimento em si, questionando o que move, mobiliza e afeta os seres humanos em relação aos objetos, de tal maneira que “artefatos a princípio inertes revelam-se animados em alguma medida, pois são geradores de forças e possibilidades de relação e envolvimento”. (DEBORTOLI; SAUTCHUK, 2013, p. 15). Isso pode ser verificado na perspectiva do ofício de sineiro, em que os depoentes alegam para além da relação estabelecida entre humano (sineiro) e artefato (sino), o envolvimento entre ambos é tão profundo que os entrevistados acreditam na necessidade do sineiro e o sino se tornarem apenas um:

Quando você revira o sino você e o sino vira um só entendeu? Quando eu “to” dobrando o sino, o sino sou eu e eu sou o sino entendeu? (ESA).

O sino pra mim é minha vida, quando eu to tocando o sino que é festivo eu me sinto bem, sinto feliz, a gente sente uma satisfação né, quando eu toco o sino que é toque fúnebre eu fico triste, então assim... não é só a gente que não toca o sino, o sino me toca também, a gente toca junto com o sino (ESC).

Eu quando toco eu sinto que parece que os sinos tão tocando, tão batendo junto comigo, junto com meu coração dentro do meu peito sabe (ESM).

Dessa maneira, vê-se que o sino afeta o sineiro, consistindo assim, em um envolvimento mútuo, contínuo e dinâmico. Tal processo permite que sineiro e sino sejam movidos e afetados reciprocamente pelos processos de aprendizagem, conhecimento, participação, produção, partilha e união. Conforme Debortoli e Sautchuk, (2013, p. 15-16) a técnica e o movimento em relação com os artefatos:

[...] revela-se como processo de aprendizado, conhecimento e significado. Abrimo-nos, nesse sentido, a uma antropologia que não tem a pretensão de uma Técnica, Corpo e Arte a descrição de algo estático e acabado. Mas à descrição de processos em que a técnica emerge, unindo pessoas e coisas em movimentos, formas de participação, produção da prática e de si mesmo.

Sob esse prisma, o campo relacional que envolve o sineiro e o sino, é um processo, no qual possibilita o encontro e interação entre eles, entre as festividades, além de produção e transmissão de conhecimento. A corporalidade no ofício contempla o envolvimento de humanos e artefatos, associados às narrativas históricas de ambos; em que tais narrativas estão circunscritas na cultura e na dinâmica social cotidiana do ofício de sineiro, promovendo, dessa forma, a partilha de experiências entre o sineiro e o sino.

Considerações Finais

O presente artigo objetivou investigar as manifestações culturais que emergiam do toque dos sinos de São João del-Rei. Sendo assim, verificou-se que o universo do ofício de sineiro, está em constante diálogo com a história e linguagem dos sinos, além da herança festiva religiosa do período colonial presente até os dias atuais, resultando assim, nas mais variadas expressões humanas.

Constatou-se que a manifestação festiva religiosa da cidade é composta por uma gama de celebrações ocorridas ao longo de todo ano em que os toques se fazem presentes e para cada uma delas há distintos toques e significados. Sendo este panorama

amplo e rico, optou-se por exemplificá-lo por meio do “Combate dos Sinos”, por ser um dos momentos festivos mais esperados pelos sineiros são-joanenses, devido a toda história secular que carrega, e por se repetir ininterruptamente até os dias de hoje.

Foi possível notar que o funcionamento da disputa se dá de maneira fluída e dinâmica, cada um dos sujeitos envolvidos sabia seu papel durante a celebração. Assim, sendo notou-se que as tarefas de cada participante eram muito bem definidas e seguidas.

O Combate dos sinos além de carregar essa vertente festiva, carrega também o caráter religioso, de ser um tempo de recolhimento, reflexão e modificação, traços estes mencionado pelos entrevistados. Desse modo, a disputa dos sinos possibilitou compreender até mesmo a concepção de mundo, e a própria afirmação da vida dos sujeitos envolvidos. Durante o combate identificou-se ainda o companheirismo, a união e a amizade entre os próprios sineiros. É indiscutível, o respeito que compartilham entre eles. Assim sendo, acredita-se que o cenário festivo religioso é sustentado pelos próprios sineiros, pois sem a paixão pelo ofício, até mesmo o combate não existiria. Dessa maneira, verificou-se que a disputa dos sinos para os sineiros, constitui-se em um momento festivo, repleto alegria e celebração, no qual promove a possibilidade do encontro, aprendizado, reflexão, partilha e troca de experiências.

Então, o combate dos sinos promove encontros e interações sociais não apenas nas festividades fora da torre, mas também dentro das torres, entre o mestre sineiro e o aprendiz de sineiro, ou seja, entre os adultos, os jovens e as crianças, e tais sujeitos estão em constante relação com a experiência do ofício de sineiro são-joanense.

No que tange a manifestação da função comunicativa do toque dos sinos, constatou-se ser aquela que dá início a todo o ambiente festivo da cidade, pois além de informar as horas, os sinos anunciam o começo das solenidades e convidam as pessoas para dar vida a essas festividades. Além disso, também informam notícias gerais que

sejam pertinentes para a comunidade. Dessa forma, os sinos, continuam sendo um meio de transmissão para a sociedade, característica essa existente desde os primórdios do sino. (LE GOFF, 1984; VENDRAMINI, 1981; BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

No contexto de São João del-Rei, por exemplo, além da população sobretudo aquela que vive no centro histórico, os próprios sineiros usam o sino como despertador. Então, mais do que transmitir as horas, anunciar e convidar a população para as celebrações averiguou-se a potência do sino enquanto um objeto mediador das relações humanas, possibilitando o encontro e a interação social e cultural entre os sujeitos envolvidos no processo.

Já a manifestação do ofício de sineiro caracteriza-se como a protagonista, pois é o sineiro quem faz tal universo entrar em movimento e em confluência, é o gerador das outras duas manifestações supracitadas. Então, o sineiro é o provedor dessa associação entre o cenário festivo religioso e o comunicacional; promovendo assim variados elementos, tais como: a partilha de experiências, a possibilidade do encontro nas festividades, a vivência do lazer, a aprendizagem e a preservação e valorização da prática. Dessa forma, o sineiro anuncia as solenidades, convida as pessoas por meio de um disparo sonoro, além de dar vida às festividades através dos mais variados toques.

No presente estudo foi possível reconhecer e vivenciar as peculiaridades de um contexto, que a princípio se mostrou tão simples, porém no decorrer, desvelou um emaranhado de histórias que se entrelaçam até tornar-se a expressão cultural conhecida como toque dos sinos. Foi possível problematizar uma prática repleta de celebração, sociabilidade, ludicidade, aprendizagem e, sobretudo de sentido para os sujeitos que a vivencia cotidianamente, podendo concluir assim que o toque dos sinos de São João del-Rei pode ser caracterizado como uma das diversas formas de manifestação do lazer.

Assim, problematizar o lazer nessa realidade permitiu conhecer o desenrolar da vida do sineiro, que se mostrou repleta de particularidades, significados e sentidos, e possibilitou ainda, presenciar a troca de afeto, de experiências, de aprendizagem e da própria transformação dos saberes e fazeres do ofício. Portanto, as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos são-joanense além de entrelaçar vidas, permitem aos envolvidos no processo vivenciarem “histórica, social e culturalmente”, assumindo “um papel peculiar para os sujeitos”.

Finalizo este artigo enveredando pelo caminho no qual São João del-Rei me levou, pois trilhar por esse universo do ofício festivo religioso do toque dos sinos, trouxe mais cor e mais vida para minha alma, me fazendo traçar um caminho para um momento poético inspirador. Expresso por meio de um poema minha homenagem a cidade e ao Toque dos Sinos de São João del-Rei.

O Toque dos Sinos de São João del-Rei

Quando ouvi o toque do sino pela primeira vez ele tocou fundo. Tocou alto, intenso, compassado, não foi um toque qualquer, tocou minha vida.

Quando olhei o sino pela primeira vez achei-o um objeto um tanto imponente talvez pela religiosidade que nele também se esconde, talvez pelos segredos guardados e histórias que o cerca.

Mas quando conheci o sino mais intensamente, descobri vidas, vidas que se entrelaçam até o sino chegar a ser sino, até o toque chegar a ser o toque do sino.

Não teve jeito tive que mergulhar cada vez mais fundo, entender aquele objeto, pois não era um simples objeto tinha muita, muita história para contar.

E então, o sino me tocou de novo, mas dessa vez, regado de africanidade, fundido pelo suor de meus ancestrais escravizados.

O sino tocado por meus irmãos era com emoção, ecoando cânticos talvez de tristeza de saudosismo a terra mãe, do berço África da humanidade.

Ou talvez fosse um tocar nostálgico de alegria por resgatar a história, imprimir a resistência e resgate cultural nos toques, seguindo a musicalidade candomblecista.

Ai não teve jeito mesmo, o sino tocou fundo demais. Quando escuto ele tocar, sei que não é um toque simplesmente, porque ele toca histórias de um tempo longínquo que se faz presente tecendo novas histórias...

São João del-Rei, “Terra onde os sinos falam?” Terra onde os sinos cantam! Terra onde os sinos conversam! Terra onde os sinos tocam!

O toque dos sinos de São João del-Rei, tocou minha vida, tocou meu coração, tocou minh'alma.

REFERENCIAS

ÁVILA, Affonso. Uma Encenação Barroca da Morte: as solenes exéquias de Dom João V em São João del-Rei. **Barroco**, Belo Horizonte, n.3, p.41-7, 1971.

BAKHTIN, Mikhael. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BRASILEIRO, Vanessa Borges; DANGELO, André Guilherme Dornelles. **Sentinelas Sonoras de São João del-Rei**. Belo Horizonte: Estudo 43 – Artes e Projetos, 2013.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Mecenato dos Leigos: cultura artística e religiosa. In: **Arte sacra no Brasil colonial**. Belo Horizonte: Edita C/Arte, 2011. p.95-111.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. **A Marcha da Civilização: as vilas oitocentistas de São João del-Rei e São José do Rio das Mortes - 1818/1844**. 1998. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

DEBORTOLI, José Alfredo. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

_____. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, Alysson *et al.* (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, p.73-76, 2002.

_____.; SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Técnica, Corpo e Arte: aproximações entre antropologia e motricidade. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, jun/2013.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Christianne. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista brasileira de estudos do lazer**, Belo Horizonte, v.1, n.1, jan./abr. 2014. p. 03-20.

GOMES, Christianne. Lazer e formação profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011a. p. 33-46.

_____. Mapeamento histórico do lazer na América Latina: em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. (Org.). **Estudos do Lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011b. p. 145-164.

_____. Estudos do Lazer e Geopolítica do conhecimento. **Licere** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v.14, n.3, set. 2011c. p. 01-25. Doi: doi.org/10.35699/1981-3171.2011.762

_____. Verbete Lúdico. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.141 - 146.

GOMES, Daniela Gonçalves. **As Ordens Terceiras em Minas Gerais: Suas interações e Solidariedades no Período Ultramontano (1844-1875)**. 2009. Dissertação Mestrado – Universidade Federal de Ouro Preto – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: https://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/as_ordens_terceiras_em_minas_gerais.pdf. Acesso em: 25 mar. 2017.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 03 jan. 2017.

_____. **O Toque dos Sinos em Minas Gerais**. Dossiê descritivo IPHAN. 2009a. Disponível em: [https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos%201\).pdf](https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos%201).pdf). Acesso em: 29 Abr. 2017.

_____. PARECER IPHAN. **Processo nº 01450.011821/2009-82**. 2009b. Disponível em: https://www.ihgsaojoaodelrei.org.br/repositorio/File/parecer_toque_sino.pdf. Acesso em: 16 jan. 2017.

_____. PARECER IPHAN. **Processo nº 27/GR/DPI**. 2009c. Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20Toque%20dos%20Sinos.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2017.

LABURTHE-TOIRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia antropologia**. 2. ed. Tradução de Anna Hartmen Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge Press, 1991.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. vol. II. Lisboa: Estampa, 1984.

LESAGE, Robert. Os sinos. In: **Vestes e objetos litúrgicos**. São Paulo: Flamboyant, 1959.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NEVES, Breno Bello de Almeida. **Parecer referente ao processo Iphan 01450.011821/2009-82.** 2009. Disponível em: https://www.ihgsaojoaodelrei.org.br/repositorio/File/parecer_toque_sino.pdf Acesso em: 20 fev. 2017.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso.** Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PEREIRA, Cassia Farnezi. Vida religiosa e mudanças sociais no Distrito Diamantino nos séculos XVIII e XIX. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH*, 26. São Paulo, 2011. **Anais...** Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300685151_ARQUIVO_Textocompleto.pdf Acesso em: 25 mar. 2017.

RIBEIRO JÚNIOR, J. C. N. **A festa do povo: pedagogia de resistência.** Petrópolis: Vozes, 1982.

ROSA, M. C. As festas e o lazer. *In: MARCELLINO, N. C. (Org.). Lazer e cultura.* Campinas: Alínea, 2007.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão.** 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SOUZA, Adalberto dos Santos. Os espaços públicos de lazer da cidade de São João del-Rei: Necessidades e perspectivas. *In: Lazer em São João del-Rei: Aspectos Históricos, conceituais e políticos.* São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SOUZA, Devanilson Álvares de. **Formação Litúrgica: a vida litúrgica é a alma pastoral.** Brasília, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lp9IBQAAQBAJ&pg=PA70&lpg=PA70&dq=sino+%C3%A9+de+origem+do+latim+que+significa+signum,+autor&source=bl&ots=rtZeWVO5eB&sig=iAU4TYpcyg72Ovvs3gseYZRWQCE&hl=ptBR&sa=X&ved=0CCwQ6AEwA2oVChMI3oHPmoiWyQIVh4SQCh0RzAnC#v=onepage&q=sino%20%C3%A9%20de%20origem%20do%20latim%20que%20significa%20signum%20C%20autor&f=false> Acesso em: 20 fev. 2017.

TURATO, Egberto Ribeiro. A questão da complementaridade e das diferenças entre os métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. *In: GRUBITS, S. & NORIEGA (Org.). Método Qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação.* São Paulo: Vetor, 2004. p.17-51.

VENDRAMINI, Maria do Carmo. Sobre os sinos nas igrejas brasileiras. *In: Musicae Sacrae Brasiliensis.* Roma: Urbaniana University Press, 1981.

Endereço dos Autores:

Joyce Kimarce do Carmo Pereira
EEFFTO/UFMG
Av. Antonio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: joycekimarce@hotmail.com

José Alfredo Oliveira Debortoli
EEFFTO/UFMG
Av. Antonio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: dbortoli@eeffto.ufmg.br